

Graduação Pós-Graduação

A CONSTITUIÇÃO DA MASCULINIDADE E FEMINILIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Leonardo Felipe Gonçalves Duarte
Universidade Cidade de São Paulo
leonardofelipe900@gmail.com

Rodrigo Gonçalves Duarte
Universidade Cidade de São Paulo
rodrigoduarte600@gmail.com

Ida Carneiro Martins
Universidade Cidade de São Paulo
tita.carneiromartins@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste trabalho é entender sob o prisma da bibliografia como que se constitui os papéis sociais do gênero masculino e feminino na educação infantil. Para tal adotamos como método de pesquisa a abordagem bibliográfica exploratória. A base teórica da pesquisa foi pautada nos estudos de Felipe (2000), Vianna e Finco (2009), Pino (2005), Guizzo (2007), Louro (2004, 2012), Eliot (2013) e Giongo (2015). Após as análises podemos tecer como considerações do trabalho que meninas e meninos se constituem de formas diferenciadas. Por meio do brincar e da pressão exercida pelo adulto para a escolhas de brinquedos e brincadeiras de meninas e meninos vão de dando a constituição dos papeis de gênero desde a educação infantil.

Palavras-chave: Papéis de Gênero; Educação Infantil; Constituição.

1 INTRODUÇÃO

A educação infantil, em sua estrutura, já apresenta às crianças os atributos de meninos e meninas, em diversas situações, que vão desde as brincadeiras até os processos de ensino-aprendizagem. A literatura de Vianna e Finco (2009) descreve haver uma certa tendência dos professores de influenciarem situações de brincadeiras, em que as meninas tendem a situações de cuidado e zelo, e os meninos a brincadeiras que se voltem ao corpo, esporte, violência e trabalho.

Diante de diversos aspectos, os adultos, ao educar as crianças, definem a visão de seus corpos as diferenças entre os papéis sociais. As características do corpo e os comportamentos que são esperados, para as meninas e meninas, são cada vez mais reforçados em sua constituição nas ações do cotidiano das escolas de educação infantil (VIANNA; FINCO, 2009).

A problemática trazida por este resumo é: de que forma a bibliografia entende que se constituem as masculinidades e as feminilidades na educação infantil?

Para que se responda à pergunta estabelecemos enquanto objetivo entender, sob o prisma da bibliografia, como que se constituem os papéis sociais do gênero masculino e feminino na educação da infância. Para tal, adotamos a metodologia de pesquisa bibliografia exploratória. Sousa, Oliveira e Alves (2021) apresentam que a pesquisa bibliográfica é uma metodologia de associada ao que já foi escrito sobre a temática. Malhotra (2001, p.106), compreende a pesquisa exploratória como “um tipo de pesquisa que tem como principal objetivo o fornecimento de critérios sobre a situação problema enfrentada pelo pesquisador e sua compreensão”. As pesquisas se fundamentaram nos estudos de Felipe (2000), Pino (2005), Vianna e Finco (2009), Guizzo (2007), Louro (2004, 2012), Eliot (2013), Giongo (2015). Este trabalho encontra-se vinculado a uma dissertação de mestrado intitulada *Gênero e educação: o que pensam os professores homens sobre a sua inserção e atuação em instituições de educação infantil* desenvolvida por um dos autores.

2 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

As mais plurais experiências de meninos e meninas, na educação infantil, se constituem um importante ponto na vida das crianças, pois ele introduz o processo de escolarização, em que se produzem as habilidades necessárias, bem como existe um processo de constituição do gênero feminino e masculino na criança (VIANNA; FINCO, 2009; GIONGO, 2015).

Pino (2005) argumenta que as crianças constituem os papéis sociais na educação infantil, por meio das relações com os seus pares, de forma que tais relações propiciam que correspondam à expectativas dos adultos, pais, mães e docentes, que se tornam uma forma singular de se constituir. As escolas e a sociedade, transmitem às crianças as formas e os maneiras de expressarem seus papéis sociais na sociedade, sendo, portanto, as masculinidades e feminidades constituídas desde o nascimento biológico da criança (PINO, 2005; VIANNA; FINCO, 2009).

A declaração “é uma menina!” ou “é um menino!” [...] instala um processo que supostamente deve seguir um determinado rumo ou direção. A afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como uma definição ou decisão sobre um corpo. Judith Butler (1993) argumenta que essa asserção desencadeia todo um processo de “fazer” desse um corpo feminino ou masculino. Um processo que é desencadeado em características físicas que são vistas como diferenças e as quais se atribui significados culturais. [...] O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário (LOURO, 2004, p.15).

Os professores, sejam eles homens ou mulheres, colaboram com esse processo, pois ensinam as crianças, por meio da mediação pedagógica, aquilo que é tipicamente de cada gênero. Por exemplo: quando o docente diz à menina que ela não deve brincar de carrinho ou ao menino que as bonecas são brinquedos femininos, ele exerce o controle sobre a criança que, para atender as expectativas do adulto, irá atendê-lo e deixará de brincar com determinado brinquedo (VIANNA; FINCO, 2009).

Se admitirmos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas o produz, mas que ela também fabrica sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdades; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com a nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, e não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (LOURO, 2004, p.85-86).

A masculinidade é um papel que impede a evasão de fronteiras de gênero, o que não se observa tanto com as meninas, que, por mais que seja difícil à família aceitar que gostem de jogar, é de mais fácil sua aceitação que o menino brincar de boneca (ELIOT, 2013). Pesquisas como a de Guizzo (2007) e Eliot (2013) dizem que as meninas têm menos medo de se aproximar do gênero masculino que os meninos de se aproximarem do gênero feminino em função da repreensão social, do desagrado do adulto e da falta de correspondência.

A instituição delimita os espaços e exige que as crianças desempenhem funções diferenciadas. Louro (2012, p. 62) acrescenta que “a escola delimita espaços. Servindo-se de

símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”.

Afinal, é natural que meninos e meninas se separem na escola, para trabalhos de grupos e para as filas? É preciso aceitar que naturalmente a escolha dos brinquedos seja diferenciada segundo o sexo? Como explicar, então, que muitas vezes eles e elas se misturem para brincar ou trabalhar? [...]. Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, loci das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são construídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores (LOURO, 2012, p. 67-68).

A educação infantil tem sido, segundo as pesquisas de Guizzo (2007), Vianna e Finco (2009), Louro (2012) e Eliot (2013), um espaço de construção de sexualidades e identidades a tempo de que elas sejam coagidas, vigiadas, punidas, educadas e normatizadas, para serem como a sociedade patriarcal deseja que sejam, isto é, meninos sejam meninos e meninas sejam meninas.

Por fim, Viana e Finco (2009) consideram ser, na brincadeira, a forma de expressão da cultura, pois a criança aprende os costumes e coloca-os em prática por meio do brincar. As autoras evidenciam que nas relações do brincar ficam explícitas as condições de gênero impostas à criança, pois ela mesmo querendo se libertar de tais pesos os carrega no brincar de bonecas ou nos esportes.

3 CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho foi o de entender sob o prisma da bibliografia como que se constitui os papéis sociais do gênero masculino e feminino na educação infantil. Para isso, a literatura considerou que, os meninos são tratados e moldados de forma que, desde a mais tenra idade, já possam assumir sua masculinidade e a exercer a sexualidade considerada correta socialmente.

Foi observado que para que eles consigam se enquadrar nas ideias de masculinidade, os meninos devem desenvolver habilidades voltadas ao esporte, agilidade, força e impetuosidade, que são características da masculinidade na sociedade patriarcal. Já quanto as meninas por mais que a elas seja ensinado a materna desde cedo, por meio da concessão de bonecas, é mais fácil a aceitação de meninas nas brincadeiras de meninos do que o contrário. Mesmo assim, as meninas ainda são condicionadas por meio da brincadeira a se constituírem diferente dos meninos.

Destacamos que a aversão às atividades femininas também é uma característica da educação masculina. Os meninos são ensinados desde pequenos que a brincadeira de menina é

boneca, que ele não deve brincar com ela. Da mesma forma as meninas são ensinadas que as brincadeiras de luta, agilidade e força são atributos masculinos.

Por fim, a constituição dos papéis de gênero masculinos e femininos na educação infantil para a literatura ocorre por meio do brincar, pois este condicionante permite a criança a internalizar as funções sociais de cada sujeito. As pressões sociais exercidas pelo adulto em especial os pais ou professores são determinantes para que a criança se constitua dentro dos padrões sociais.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

- ELIOT, Lise. **Cérebro Azul ou Rosa: o impacto das diferenças de gênero na educação**. Porto Alegre: Penso, 2013.
- FELIPE, Jane. Infância, Gênero e Sexualidade. **Educação e Realidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 25, (1), pp. 54-87, jan/jul 2000.
- GIONGO, Marina. **Socialização de gênero e educação infantil estudo de caso sobre a construção e reprodução dos papéis de gênero em uma escola no Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado do Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientador: Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo. 174 f. 2015.
- GUIZZO, Bianca. S. Identidades de gênero masculinas na infância e as regulações produzidas na educação infantil. **Revista Ártemis**, [S. l.], n. 6, 2007.
- LOURO, Guacira. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 3 .ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005. 303 p
- SOUSA, A.; OLIVEIRA, G.; ALVES, L. A Pesquisa Bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, v.20, n.43, p.64-83, 2021.
- VIANNA, Claudia. FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Rev. Cad. Pagu**, n.1 v.33, Dez, 2009.